

O INIMIGO

Enfim um jornal anarquista.

Sul/Sudeste: Cz\$ 20. Demais regiões: Cz\$ 15.

Maio/87. Nº 1

DO REI

SEM

FEIÇÃO

Roberto Freire

(Nas págs. 6, 7 e 8)

NÃO HÁ SOLUÇÃO



O QUE QUEREM OS ANARQUISTAS

(Págs. 2, 10 e 11)

Anarquismo e conjuntura nacional

O Brasil inventou um novo tipo de doença mental: o complexo de Papai Noel. Depois do complexo de Peter Pan e do complexo de Cinderela, coube a esse povo criativo que é o nosso estruturar o complexo de Papai Noel.

Esse complexo é formado pela disposição de acreditar e, mesmo depois de tomar na cabeça, continuar a acreditar nas mesmas pessoas e nas mesmas idéias. Acredita-se como as crianças acreditam em Papai Noel.

Relembremos. O povo acreditou em Tancredo e veio Sarney. O PMDB precisava de um espetáculo para se eleger e aí bolou o cruzado. O povo acreditou. Comunistas babaram nas esquinas se sentindo no Kremlin. Muitos albaneses iam a supermercados fiscalizar os capitalistas... Sofreram também do complexo de Papai Noel. Maria da Conceição Tavares, acadêmica, fazendo o Sul delirar nas suas salas universitárias esnobes, chorou na televisão e disse que ia voltar para Portugal caso o plano não desse certo. Já se foi? Depois do cruzado, veio a Constituinte. A macacada só faltou esporrar nas praças pela Constituinte. Comunistas deram o apoio tradicional. Lula está lá. A Constituinte seria o avanço das forças democráticas etc. e tal. Acreditaram em Papai Noel, de novo. A Escola Superior de Guerra é a presença mais freqüente nas sessões da Constituinte e já propôs um estado de sítio à brasileira, que é um tal "estado de recessão" ou pela recessão, não sabemos. Lula e comunistas vários vão ter de ser coniventes porque encamparam o processo e, sofrendo do referido complexo, avaliaram, mais uma vez, erradamente. Neste interim, acreditaram na Reforma Agrária. Cadê ela? Deu emprego e lautos salários a alguns comunistas e enriqueceu alguns burgueses com a "jogada". A burguesia os cantou, deu migalhas, e des, de estratégias para lá e estratégias para cá, comeram tudo e estão lá na Constituinte fazendo um pacto social à brasileira.

Temos sempre a impressão, no Brasil de que à meia-noite, Papai Noel passará pelos nossos céus

abaixo do Cruzeiro do Sul e ecoarão de Brasília as gargalhadas dos generais.

O povo, sofrendo do complexo de Papai Noel, acreditou nas últimas eleições e pôs políticos esperados no poder.

Tomou mais uma vez na cara. Agora, como no México, somos governador por um partido único.

Na Bahia, botaram na prefeitura um rapaz que era a própria democracia e o avanço das "forças democráticas". Ocorreu uma troca de elites e enterrou-se a cidade, de tal maneira, que são eles que vão preparar a volta do monstro da Lagoa Negra, possivelmente o filho do Monstro da Lagoa Negra. A situação é tão grave que os ratos que estavam no barco, quando perceberam o naufrágio, o estão abandonando. Agora é a debandada. O atual governador, em pouquíssimo tempo de governo, mostrou ser de autoritarismo sem par. Seus atos se resumem em punições, em forma de demissões, fato que se repete também em todos os estados, e o tradicional não pagar, que é a característica do homem. Não pagou o último gatilho ao funcionalismo e corre à boca miúda que zerou a Previdência Social, dificultando o atendimento e prejudicando os aposentados. O seu grande tema é o sacrifício de todos. É esperto.

Sabemos, como anarquistas, que para se elegerem eles têm empenhar os cargos públicos, com chefes políticos e partidos pequenos coligados. Quando são eleitos, há uma troca de elites. Botou-se, aqui, para fora, os primos de D. Carmem e colocou-se para dentro os novos apadrinhados. Essa lógica é que não muda. É uma das causas da inflação viu Maria da Conceição Tavares, Celso Furtados e PUGUIS e USPIS? A folha de pagamento inchada das estatais para eleger as elites. E, se, como no caso do prefeito, os assessores são incompetentes, estão preparando a eleição do filho do Monstro da Lagoa Negra. Em cinemascopo, tecnicolor e, talvez até, terceira dimensão...

"O Abaeté é uma lagoa escura..."

Para corroborar o Complexo de Papai Noel, correu o boato, recentemente, de que havia perigo de golpe no País. Acontece que os militares continuam no poder. Confira: Miguel Arraes tem dois secretários militares. A Constituinte é uma Constituinte de generais. Os setores fundamentais são controlados por eles. Informática, comunicação. Chateou muito, eles intervêm em setores vitais, como já fizeram. Estabeleceram uma democracia na base de acordos, logo, estão, os que torturam e roubaram, impunes.

Parece que abriram a cancela e deixaram a macacada ocupar postos de mando para se avacalhar de vez, como está ocorrendo, e assim recuperarem a imagem das Forças Armadas e governos anteriores. Não sabemos se a conselho de Washington ou de "experts" do SNI que sabem muito bem quem, no Brasil, é calhorda e corrupto. Um trabalhador criticando a política salarial, disse: "Nos tempos de Figueiredo, eu era feliz e não sabia". Delfim Netto mandou seu retrato a várias pessoas, com a frase: "Vale a pena ver de novo". Pode-se ouvir em qualquer esquina, um povo cretino e ignorante como o nosso pedir a chibata de novo, diante dos desmandos, da demagogia, da troca de elites que se verifica no País. Essa nova elite incompetente, acadêmica numa academia feita de modismos e cacocetes, pode, com seus erros de avaliação, preparar, nos espíritos mesquinhos e analfabetos, o desejo da opressão das botas. É provável que um perigo real não exista porque eles estão no poder. Franquearam a senzala, de propósito, e tiveram sorte porque o que existia de pior veio à tona. Os civis estão fazendo, comunistas inclusive, exatamente o que eles querem. Por isso, nós sempre fomos contra todas essas propostas. Não acreditamos em Papai Noel. Sempre fomos contra o cruzado, contra a participação na Constituinte, votamos nulo.

Nossa ação é na base. É junto ao povo. É na denúncia, como estamos fazendo agora, para o desenvolvimento da consciência de classe do trabalhador. E, de pressão em pressão, contribuir para melhorar nossa sociedade.



A família e a virgindade

Um dos fatores que levam à degeneração psicológica e/ou emocional do homem contemporâneo é, sem sombra de dúvida, a própria degeneração da família. Não me refiro só à crise conjugal que leva o casal ao divórcio, mas também aos lares cujo ambiente é denso e insuportável para todos os membros da família. E a parte mais sacrificada, na maioria dos casos, é a mulher. Tudo em prol da tal moral. Sacrificam-se vidas inteiras para corresponder à filosofia de vida, que de vida nada tem. Se bem que, nos dias de hoje, muitas mulheres já tomam a iniciativa de largar seus companheiros, em face de uma situação de repúdio pelo marido, uma perspectiva de vida amorosa-sexual melhor, ou mesmo porque sua união com determinado homem foi um ato momentâneo. Podemos detectar dois fatores para uma união momentânea, ou seja, levada pela necessidade econômica ou sexual. O primeiro fator enumerado, o econômico, é bastante simples de se compreender. É um enganando o outro; o famoso "golpe do baú" em que uma mulher privilegiada pela natureza, troca seu corpo e mesmo seu espírito por uma série de mordomias (carros, alimentação, casa, etc.). Porém, o

leitor pode argumentar: mas as mulheres já estão emancipadas financeiramente! É equivoco. Os salários ganhos por elas são praticamente irrisórios, dando apenas para o transporte e subnutrir-se. Então, qual delas não gostaria de se unir a um bom "partido"? O segundo fator, sexual, mostra o quanto é castradora e hipócrita a moral vigente que ainda admite a virgindade como prova da pureza sexual.

Ora, o que vem a ser a virgindade? É o estreitamento da entrada da vagina por uma pele chama hímen, e a partir do momento que a mulher dá função à vagina e ao seu psiquismo naturalmente o órgão se transforma. É como uma pessoa que começa a exercitar os seus membros, logicamente, eles ficam robustos. É uma espécie de uso e desuso. Desta forma, o hímen é um indicativo de que a conjuge era uma "moça de família" antes de se casar. Pobre moça, louca para dar uma "trepadinha" pré-matrimonial. Diante de tal ansia pelo prazer, loucura pelo orgasmo, a mulher se casa com o primeiro homem que acha conveniente: normal, ativo, responsável, ou seja, enquadrado; para

satisfazer a uma de suas necessidades fisiológicas.

Outra vez o leitor pode afirmar: mas os tempos são outros, já estamos na revolução sexual! E outra vez eu respondo: o homem sem experiência conjugal só prefere, em sua maioria, mulheres virgens. A prova disso é que os solteiros mantêm relações sexuais com mulheres da periferia, separadas ou vividas. Nunca querem desvirginar suas namoradas, preferindo mantê-las intactas até o casamento. A não ser quando o desejo é mais forte (como já dizia Schopenhauer, o desejo é o absoluto) eles "avancam o sinal". Para reforçar a tese, pergunte a qualquer rapaz o que faz libidinagem com sua namorada, podem dizer, mas pelo menos não tocam no assunto.

Esta é a realidade da nossa família, tanto patriarcal como nuclear, e com isto não me ponho como opositor da família. Muito pelo contrário, acho que se dentro do esquema social vigente uma família alcançar seus objetivos (o que não é fácil), as pessoas poderiam ser sadias realmente. Mas que objetivos são estes? É muito simples: o da socialização das pessoas, como uma espécie de

encaminhamento para a vida num grupo maior (a sociedade), pois a família é a célula da sociedade vigente, o que quer dizer que possui os mesmos traços culturais que a sociedade em que o indivíduo vive. Porém, essa família reflete toda uma superestrutura negativa, como conceitos de: racismo, autoritarismo, preconceito sexual, alienação religiosa, etc. O que a torna o porta-voz de uma moral podre e que está levando a humanidade à autodestruição. Diante disso, fica em aberto a possibilidade do aparecimento de uma outra maneira de aculturar as pessoas, que seria o término gradual da atual família, com uma concomitante diminuição dos centros urbanos. Pondo em outras palavras: se tivéssemos pequenas comunidades onde o indivíduo possuísse, como família, a própria coletividade, onde considerasse todos os membros da pequena coletividade como parentes e vice-versa.

Isso não é utopia, pois já houve fases da História em que a coisa se procedia assim, e em muitas tribos indígenas isso funciona. O que me parece muito mais solidário.

O INIMIGO DO REI

"O INIMIGO DO REI" é uma publicação da Editora e Livraria "A" Ltda. (CGC/MF 14727671.0001-63), Caixa Postal 2540, Salvador, Bahia, Brasil. CEP 40.021.

Se Você tem interesse em anarquismo, procure-nos, em Salvador, no Centro de Documentação e Pesquisa Anarquista (CDPA), Praça da Sé, Edifício Themis, 5º andar, sala 505, ou então escreva para a Caixa Postal: 2540, CEP 40.021, Salvador, Bahia, Brasil.

Nós respondemos a toda e qualquer carta.

Capa: Carlos Rodrigues.
Diagramação: Reinaldo Tadeu.

Livros Anarquistas

A Novos Tempos Editora está editando anarquistas clássicos e contemporâneos. Para pedir "OS ANARQUISTAS E AS ELEIÇÕES" (Bakunin, Kropotkin, Malatesta); "OS ANARQUISTAS JULGAM MARX" (Guérin, Rocker, Joyeux); e "PROUDHON — PLURALISMO E AUTOGESTÃO", de Jean Bancal, basta escrever para Novos Tempos Editora, Caixa Postal 07-1047, Brasília, Distrito Federal, CEP 70.359.

Federação

dos Estudantes Anarquistas

Nossa organização estudantil convoca todas as demais que queiram o intercâmbio de trabalho ou simplesmente trocar informações que entrem em contato com a gente!

Caixa Postal nº 2540 — Salvador BA. CEP 40.021.

VIOLÊNCIA POLICIAL

Aonde as "mudanças" não chegam

Em nenhum outro estado do Brasil há tantos lichamentos e tantos assassinatos perpetrados por policiais como na Bahia. Para um governo do PMDB, cuja bandeira principal é a "mudança", esta situação deveria ser uma das principais questões administrativas.

Só durante os primeiros 45 dias do governo Waldir Pires, ocorreram oito lichamentos, na capital e no interior. A Polícia Militar, por seu turno, já tem até um sargento envolvido em assalto a banco junto com seus comandados e um alto oficial envolvido no assassinato das crianças Geovana e Leonardo.

Para o tipo de governo que estamos assistindo, esta situação parece não incomodar, pois não há uma análise da infra-estrutura da sociedade. Todas as "mudanças" que dizem estar ocorrendo, são todas superestruturais. Xinga-se muito o ex-governador direitista e seus asseclas, mas as novas autoridades (e, aí, pode-se generalizar para todo o Brasil), não ficam nem um pouco distantes.

TORTURA PRA VALER

Já não passa um dia em que não chegam às redações das rádios e dos jornais, queixas de pessoas pobres e negras (os dois ingredientes são fundamentais num estado onde vigora o "apartheid" oficioso, pois embora de maioria negra, todas as autoridades e a burguesia são brancas), de que foram espancadas por policiais civis ou militares.

As delegacias da Polícia Civil do Estado da Bahia transformaram-se em centros de torturas e há casos, por exemplo, de tortura e espancamento de menores, por estarem vendendo picolé em estação de transbordo ou por estar mercando bugigangas em via pública. Como as vítimas são pobres, negras e analfabetas, vão às redações, mas morrem de medo de serem identificadas e sofrerem represálias dos policiais.

Na Polícia Civil é corrente a prática dos agentes e alguns delegados, segundo contam os ditos marginais (a fronteira entre os dois grupos é tênue, quase imperceptível), terem seus ladrões (segundo a gíria deste submundo, "gados"), isto é, aqueles delinquentes que compram a sua impunidade dividindo o fruto do roubo com os agentes. Os soldados da PM, inclusive, são chamados de "Papai Noel" pelos agentes da Civil, pois a PM é sempre obrigada a levar a uma delegacia os autores de roubos. Se o produto da ação criminosa é valioso e se o ladrão se dispõe a dar a maior parte, sai livre e, daí por diante, protegido.

Agora, aí daquele que não se dispuser a entregar o ouro (ainda de acordo com a gíria)! É espancado violentamente. Mas é violentamente mesmo, não é brincadeira não. Depois é seviado pelos chefes das celas, todos acobertados pelas autoridades policiais. Estes que não partilham o roubo, inclusive, começam a ser perseguidos pelos agentes e delegados, que os inscrevem num tácito livro negro. Temos conhecimento de jovens que resolveram não mais delinquir, depois de torturados nas delegacias baianas e que não puderam voltar à vida normal, pois a Polícia aonde os vê, os prende, mesmo sem flagrante, mesmo sem nenhum crime a imputar. É o preço que se paga por não repartir o roubo: tem que morrer marginal. Este é o caso de Florivaldo Ferreira dos Santos, o "Sabão", de Pé de Areia, em Camaçari, que tenta uma vida normal, mas que tanto a PM como a Polícia Civil da área não permitem, lembrando a máxima de Jean Genet, segundo a qual, "não haveria Polícia se não houvesse o ladrão" e, portanto, este tipo de policial fabrica o marginal se o marginal não existe no real de sua vida. Foi preto, foi pobre, é sério candidato a tomar porrada em delegacia.

WALDIR NÃO MEXE

Por certo que, apesar daquele ar de pureza angelical que o governador Waldir Pires faz na televisão quando sente as luzes da TV, ele sabe muito bem de tudo isso. Só que não tem a coragem política de um Leonel Brizola (só tem esse mérito, pois



"Peixe Frito" é fuzilado pelos policiais. É ladrão "queixo duro", isto é, não "dá na mão" dos agentes e distribuía o fruto do roubo na favela. A pena de morte já existe no Brasil.

é um corrupto clientelista também), que enfrentou até greve nas duas polícias, mas afastou dezenas de marginais que exerciam funções policiais, às vezes em altos cargos.

Aqui na Bahia, a primeira providência do governador do PMDB foi nomear uma pessoa que "não é do ramo", como comentaram os delegados na época da indicação de Enio Mendes para a Secretaria de Segurança Pública. E tanto não é mesmo do ramo que entrou na SSP de má vontade, apenas para servir ao governador. Até mesmo o deputado Alcindo da Anunciação, do PMDB, denunciou várias vezes nos jornais que não há "mudança" alguma na Polícia; continua tudo quanto dantes. Só que tal delegado saiu do Rio Vermelho e foi pra Brotas e o de Botas foi pra São Caetano, e assim por diante.

A tortura nas delegacias continua correndo solta. Os policiais dispõem da vida de ladrões de galinha como se fossem ladrões do Erário. Quem rouba o Brasil em dólares, participando da "cuidilha", é deputado constituinte, e quem rouba a galinha do vizinho porque está passando fome, é fuzilado pela Polícia, ou, no mínimo, torturado. A situação é tão vexatória que na última semana de abril agentes da Polícia Civil invadiram uma casa numa favela do Vasco da Gama avisando à mãe de um ex-gatuno (ladrão de relógio) que agora ela só voltaria a vê-lo no cemitério.

E ainda tem gente que luta pela pena de morte no Brasil. Ela já existe — só para preto e pobre — embora os policiais também sejam pretos e pobres, só que nem consciência de classe e raça têm. Só porque recebem uma radiola aqui, um relóginho ali, "um fôgo" (trê vólvet) acolá, berrtem-se acima de

seus irmãos negros proletários. Às vezes suas casas espelham uma miséria maior do que a do marginal que perseguem com tanta fúria.

SALÁRIOS MISERÁVEIS

Mas, falar da violência policial na Bahia e não falar dos salários de fome que a PM e a Polícia Civil pagam é ser alienado, é enfiar a cabeça na areia como o avestruz.

Há soldados da PM que não fazem mais que Cz\$ 2,6 mil por mês, isto é, menos que um cobrador de ônibus. Há agentes da Polícia Civil que não chegam a ganhar Cz\$ 3 mil. O que ocorre então? Por razões de sobrevivência, as mesmas invocadas pelos marginais, eles partem para a contravenção, para os pequenos roubos, para as extorções de putas e viados, para a divisão de roubo com os ladrões. Ou, no caso dos mais radicais, como o sargento da PM muito dóido, formam uma quadrilha e roubam fardados.

Por oferecer salários miseráveis, as polícias atraem a escória da sociedade. Pessoas sem educação formal, que não têm o mínimo respeito por elas próprias nem pelos semelhantes e, então, está instaurada a guerra civil nas ruas da Bahia. Pois os dois lados são extremamente parecidos e vivem vidas absolutamente idênticas — a miséria do policial leva-o (com toda a razão) ao delito e à violência —, e a miséria do negro pobre e desempregado produz um tipo de cidadão anti-social, violentíssimo, também, em muitos casos.

MEXER NAS ESTRUTURAS

Se as novas autoridades do PMDB fossem sérias, mexeriam na estrutura da sociedade, ofe-

recendo escola para todos (isto é fundamental a qualquer socialista, só que os picaretas que aí estão só são socialista de faculdade); emprego para todos (e não sair demitindo a torto e a direito, justamente o servidor mais pobre, o mais lenhado); habitação para todos, com a desapropriação dos terrenos de "engorda"; proibição, fiscalização e severa punição do subemprego no território do Estado; punição severa da corrupção policial e da tortura, seja contra quem for; pagamento condigno às forças de segurança para que possam ter vida de gente, tempo para se educar e compreender que o marginal, no mais das vezes, é apenas o que seu nome diz — marginal. Ou seja, foi colocado à margem pela sociedade capitalista, onde o burguês branco tudo tem e o trabalhador negro passa fome. Compreendendo isso, o policial pode até afastar o ladrão do convívio social, prendendo-o, mas jamais o tratará como um animal, pois entende as circunstâncias sociais que levam à marginalidade.

Mas é claro que a "mudança" não chegará à Polícia. Afinal, todo mundo que está aí governando tem também "o seu" a defender e, por isso, manterá a mesma estrutura anterior, repressiva, racista, violenta e corrupta. Só que, agora, com verniz intelectual. Recebendo o bispo Tutu e condenando o "apartheid" da África do Sul em praça pública, enquanto nas delegacias um "apartheid" pior do que o dos africanos, pois aqui não é confessado, corre solto. Negros continuarão sendo torturados e mortos, presos sem acusação enquanto alguns seus irmãos alienados tentam ser ministros e cantar "reggae" no Planalto.

Comitê de Defesa da Cidade e do Cidadão

“Platoon” e o ocaso dos imperialismos

Antonio Carlos Pacheco (Coletivo de Salvador)



Quando Gore Vidal, representando a aristocracia intelectual americana, e Noam Chomsky, representando os intelectuais de esquerda dos EUA (o filólogo e semiólogo é anarquista), atestam que é impossível, hoje, aos Estados Unidos, ganharem qualquer guerra convencional, é porque, efetivamente, o Império Americano, tal como o conhecemos até a década de 70, está caindo de podre. O fato da Academia de Hollywood, um poço de conservadorismo, ter premiado o filme “Platoon” na festa do Oscar de 1987, é uma prova concreta de que as contradições do imperialismo já o minam por dentro. A força da opinião pública mundial é inexorável, por mais que os cegos por conveniência não queiram ver.

Vidal diz que não é preciso pesquisar muito para verificar que os soldados norte-americanos vivem, a maior parte do tempo, drogados, e que os russos vivem em eterno estado de alcoolismo crônico: na URSS há um programa oficial contra o alcoolismo dirigido pelo próprio Gorbachev, como se insatisfação social se curasse com programas oficiais.

Fala-se em poderio do Império Americano, teme-se o poderio do Império Russo, mas ninguém se dá ao trabalho de analisar (e, nisso, Chomsky é magistral, ao dizer que qualquer leitor de jornal pode ser analista político, é só refletir sobre o que está lendo) uma peculiaridade destes dois mais poderosos países da História: eles não ganham uma guerrinha convencional sequer e, quando vencem, como no caso da invasão de Granada pelos EUA, meia dúzia de granadinos e cubanos mal armados consegue matar meia centena de americanos que, literalmente, sitiaram a ilha por todos os lados. Os EUA, apesar de terem quilotons atômicos suficientes para destruir o planeta todo 44 vezes, não conseguiu derrotar um punhado de vietnamitas famélicos. O Exército Vermelho da URSS entrou com 110 mil homens no Afeganistão e seus soldados morreram como moscas, abatidos pelos “mujahedin” armados com espingardas da Grande Guerra.

NINGUÉM ACREDITA

O que falta ao soldado americano, como vimos em “Platoon”, é acreditar naquilo por que, em tese, está lutando. As personagens de “Platoon”, todas calcadas na realidade concreta, pois o diretor Oliver Stone foi ao Vietnã, estão mais preocupadas em se drogar do que em lutar contra vietnamitas, criaturas as



Alegre em frente à ONU pede a saída dos russos do Afeganistão: imperialismo o vermelho também é intolerável.

quais eles nem sabiam direito o que eram. A maioria dos soldados é negra, porto-riquenha ou representante das camadas pobres da cidadania americana. Nenhuma destas “castas” acredita em papo de liberdade, Mundo Ocidental, “nossa” civilização cristã e outras baboseiras tão caras ao “establishment” de Washington, pois são os párias de sociedade da abundância.

Ao chegar ao Vietnã, colocaram para fora todas as suas taras, revoltas e neuroses e quando voltaram: Ah! os que voltaram são outra história, e as manchetes sobre malucos fazendo chacinas em lanchonetes ainda serão lidas até o final do século. Os poucos brancos WASP (white, anglosaxon and protestant = branco, anglo-saxão e protestante), do interior compreenderam que não estavam lutando pela liberdade e, sim, massacrando um povo que apenas queria decidir seu próprio destino, mesmo que este destino fosse viver num país miserável (renda per capita de 245 dólares) sob uma ditadura pseudo-socialista.

O mesmo ocorre no Afeganistão, onde os soldados russos, até hoje, não entenderam o que estão lá fazendo e muitos desertam diante do absurdo da situação. Só, que a “glasnost” (trans-

parência) de Gorbachev jamais produzirá um “Platoon” sobre o uso de armas químicas contra os afeganes, enquanto a democracia americana, mesmo que seja só para branco rico, tem a capacidade de mexer em suas feridas, ainda que esta atitude contrarie os interesses mais poderosos da América, que são os da indústria bélica.

PROCESSO IRREVERSÍVEL

Se vivessemos da década de 30 deste século, América e Rússia poderiam sufocar em sangue os povos do Vietnã e Afeganistão. Reagan já teria dobrado a Nicarágua em ferro em brasa e o Irã hoje seria mera província de Washington. Mas o sentimento antiimperialismo, antimilitarista, libertário, é tão vigoroso em todo o mundo, cresce tanto e tão irreversivelmente, que as máquinas de guerra destas superpotências ficam desarticuladas.

O Escândalo Irã/Contras está aí para provar: o imperialismo vive seus extores e nossa geração há de assistir o reconhecimento dos impérios às suas fronteiras originais, talvez até às suas fronteiras nacionais históricas, muito menores que seus próprios territórios atuais, pois, em verdade, América e Rússia são regiões geográficas povoadas por dezenas e dezenas de nações.

O soldado americano em “Platoon”
imitando My Lai psicopatas à solta,
nazistas dizendo-se
paladinos da liberdade.

Seja
Você
também
um
inimigo
do
rei

“O Inimigo do Rei” é sustentado com as contribuições dos membros dos coletivos. VOCE também pode ajudar, anonimamente (se não quiser se comprometer) ou nominalmente (e, aí, a gente lhe agradece pelo jornal). Basta que VOCE vá a qualquer agência Bradesco Instantâneo e faça um depósito para a conta nº 23.180-0, em nome de Antônio Carlos da Costa Pacheco, Agência Campo da Pólvora, Salvador, Bahia.

Qualquer quantia será bem vinda, pois os custos de impressão são altíssimos, pois é através dos altos custos gráficos que a burguesia cala os dissidentes no Brasil.

1968. Maio.

Maio 68 já é maior de idade

Arruda Júnior (Coletivo de Fortaleza)

Fizemos um jornal "etc, etc, e tal". Era um pasquim da terra com o subtítulo que encontramos em Jean Genet ("Na escuridão, até as flores são negras"), que, como todos naquela época, tinha sido empastelado pelos gorilas do Dops. No teatro, "O beijo no asfalto". A rebeldia pulsava, o socialismo libertário reinava em Paris, que estava novamente em chamas: as barricadas, a greve de maio que norteia ainda muita coisa. A chama da anarquia brilhava fulgurante na "Cidade Luz". As bandeiras vermelhas e negras aqueciam os bustos na Sorbonne, entre pneus queimados e gás lacrimogêneo, onde Sartre discursava em cima de camurdes de lixo, vendendo no meio da rua o seu "Les Temps Modernes" e "La Cause du Peuple". A juventude levantava-se mesmo: as palavras de ordem ainda são ditas sem nostalgia: "É proibido proibir", "Sejam realistas, exijamos o impossível", "Faça amor, não faça a guerra". O símbolo "Paz e Amor" tomava o lugar do OK. "Não ao poder", "Todo poder à imaginação", "Não ao trabalho". Formavam-se comitês de sonho; operários, camponeses, estudantes realmente entrosados, libertando-se.

Começava-se uma consciência ecológica, se falava de cibernética, automação, feminismo. Parecia renascer um humanismo. Os dedos eram confundidos com o V da vitória e (pasmem) até com o "Sempre Alerta" dos escoteiros. Mas pegou, como também os cabelos compridos, as cores berrantes, os Beatles, a minissaia. Falava-se de amor-livre, drogas e sexo com certo desembaraço.

Paris era governada por uma assembléia geral permanente que se preocupava com a reflexão, o pensamento e a arte e em não produzir nada além disso: liberdade. Um colega que vivia lá, iria nos contar momentos magníficos de tudo que significou maio de 68. Pintavam uns livros assim: "Razão e Revolução", "Eros e Civilização", entre outros. Hebert Marcuse, MacLuhan, eram mitos, "Revolução dentro da Revolução".

Quem diria que um dia iríamos conhecer Daniel Cohn em pleno Estoril Bar, aqui na praia de Iracema? Maio de 68 foi a explosão da liberdade, um ano de glórias e derrotas na ofensiva tet. Mas aqui a conversa era outra, não tinha nada a ver com o chamado berço da civilização ocidental que acolhia verdadeiros pesadelos para o capitalismo. A juventude botava abaixo quatro ou cinco gerações opacas, marcadas por um pós-guerra. Saía protestando e degradando os valores e costumes amorfos, retrógrados, que se ruborizavam de horror com saias curtas, pílulas anticoncepcionais, sutiãs queimados para o deleite da liberdade.

Era um tempo de contra-cultura, existencialismo, alienação, psicanálise, protesto, contestação, anti consumismo. "Era de Aquarius". Pensávamos em dominar o mundo e podíamos sentir o trotar da liberdade, sem rédeas, avançando por terras desconhecidas. Pensávamos também que a fúria libertária sangrava um ponto hemofílico do sistema. Era de uma utopia imensurável... Ah! O fluxo da história determinado por nós.

As vezes discutíamos as coisas eternas: amor, Deus, morte. Sartre dizia nos tamboretas da Sorbonne que o inferno eram os outros, que era preciso guardar o riso; Salvador Dali achava a guerra do Vietnam necessária para a humanidade. Deus: Voltaire dizia que se ele não existisse era necessário inventá-lo; Bakunin, que era preciso destruí-lo. Lacan, que Deus é o inconsciente. Os colegas podiam ficar falando horas sobre os vermelhos: que uns eram como rabanetes, como dizia Marx, vermelhos por fora e brancos por dentro; falávamos que alguns eram como beterraba, vermelhos até a medula, e doces... que uns eram como tomate: nasciam verdes e depois ficavam vermelhos; que outros eram como pitomba: tinham uma casca amarela, uma polpa branca e o caroço duro e róseo. Depois apareceu a melancia: verde por fora, vermelho por dentro. Mas isso é fuleragem.

A "Primavera de Praga" estendia-se como uma paranóia da burocracia... Um estudante imola-se em frente aos tanques soviéticos na praça central de Praga. Enquanto isso, em Paris, nas barricadas do desejo, a chama da anarquia lavava as calçadas em labaredas de luz, e onde estavam os doze pares de França viam-se agora os posters e retratos colados e fixados de Mao Tse Tung, Karl Marx, Trotsky, Stalin, Fidel, Ho Chi Min, Che Guevara, Bakounine, Kropotikine. Nós, a sonhar com todo aquele fogaréu queimando as calçadas dos "Champs Elisées", mergulhando no Arco do Triunfo, chamas, fumaça, faixas, gás: liberdade; eram lindos aqueles sonhos. Amanhã, a Phoenix estaria voando. Vencemos.

Misturavam-se conversas, como a de Glauber Rocha, que dizia que o Nordeste tinha um inconsciente muçulmano. Ou mesmo a história de que o

A "guerra" no Brasil era calada, censurada. O povo mesmo não sabia nada, só levava pancadaria. E pagava o preço com a fome. A tática americana empregada no Vietnã era aplicada aqui de forma mordaz: o guerrilheiro anda entre o povo como o peixe na água; é preciso esquentar a água pra matar o peixe. Assim; para manter o Rio, uma cidade maravilhosa, havia grupos do Esquadrão da Morte para os mendigos de Copacabana que tinham sua desova (o termo é bem apropriado) por toda a Baixada Fluminense. O Rio era o paraíso do turista e era preciso manter a imagem de "ninguém segura este Brasil" e dar a idéia de que este é um bom país pra investir. Pra "eles", o preço era baixo. Mais tarde, líderes destes grupos de genocídio iriam fazer parte dos célebres Dez Homens de Ouro da polícia carioca. A tática de expropriações feitas a bancos iria ser assimilada por muitos que lutavam contra os que queriam subverter a ordem. Seguiam-se os lemas hipócritas, importados dos Estados Unidos: "Love or leave alone" — "Brasil te amo meu Brasil", "Ninguém segura a juventude do Brasil". Enquanto a dívida externa subia à razão de cinco bilhões por ano, gritavam "Pra frente Brasil". Até que o Francelino Pereira perguntou: — "Que país é este?..." Não é sem razão que o Adolf Reagan pensa que isto é a Bolívia. Naquele tempo havia também dedo duro, alcagüete e jacaré debaixo da cama de cada um. Quem conseguia viver era aquele que especulava, traía, corrompia, denunciava e mentia. Uma barra pesada pintava na rua, amigos procurados em cartazes nos postos, bancos, rodoviárias, estações de trem, aeroportos. Era de ferver o sangue.

Stendall, com o livro "O Vermelho e o Negro", levou muita gente pra cadeia. Tinha uns marxistas (e ainda há) que acreditavam piamente que a metodologia dialética havia sido criada por Marx, e o pior: sem ele, ela não existiria... Era demais! Como se a maçã na cabeça de Newton fosse imprescindível para a Teoria da Gravidade. Esses caras não são (e nem eram) revolucionários; mas sim religiosos, o que no fundo é quase a mesma coisa. Doutrina é doutrina.

Não dá nem pra rir, que as lágrimas podem ser de sangue. Éramos vigiados, fotografados, gravados, seguidos, empurrados, filmados, ameaçados, mortos. A liberdade escorria e gritava pelos ralos dos cárceres, vendo sumir uma a uma as unhas, o bico dos seios tostados a charuto, dentes, cabelos cortados, queimados, cabeças na latrina, a beber ácido e merda até vomitar: a moral, a dignidade, a honra. Tudo isso em nome de Deus, da Pátria, da Família e da Propriedade.

E "eles" pilhavam, roubavam, matavam; guardados por decretos-leis secretos de um Estado terrorista, promovendo uma guerra contra o inimigo interno, chamando de comunista o que na verdade era um simples antifascista, um lúcido ou um rebelde diante de tanta carnificina e injustiça social. Ministros, militares, juravam de pés juntos em ordens do dia que o rock, o amor livre e os hippies eram tramas do comunismo internacional para degradar a civilização ocidental. A TFP lutava pela volta da escravatura, a posse do imperador, a indissolubilidade do casamento, a castidade, a Idade Média, no meio da rua, com standartes, brasões com leões de ouro no fundo de veludo vermelho. Colhiam abaixo-assinados com megafones da Mesbla impunes e aos berros: "O comunismo é intrinsecamente mal." (Papa Pio IX). Eram muitos os festivais de besteiras que assolavam o País.

Viriam logo Woodstock e Bangladesh. Apesar de tudo, a África negra ficava cada dia mais vermelha, a juventude de 68 espalhava-se pelo mundo feito luz viva. Nascia uma arte conceitual, uma vanguarda ia se refugiar em comunidades vivenciais, surgiam coisas novas.

A resposta cearense: "Queda da Bastilha", "Patota Divina", "Garota Cultural", "Condessa da Praia", "Casanova", "Baby do Ano", brincadeiras de boemia. A juventude doirada acotovelava-se, sábado pela manhã, no Cine Diogo. Amargo, suicida-se Torquato Neto: "Ato I: Está vetado todo movimento do corpo." Ao mesmo tempo: revoluções eclodiam, estudantes eram mortos pela polícia nos campi universitários norte-americanos, brotava a vicante democracia burguesa hiperdesenvolvida, enquanto muito sangue descia junto a ácidos corrosivos, choques elétricos e pentanol... A gente às vezes já não sabe bem o que dizer. 68, agora, já é maior de idade. Fez mais de 18. Mas quando tudo terminar, as grades que guardam a rebeldia de alguns abrirão outras portas na cabeça de muitos. E os caminhos poderão ser outros, nunca vistos. Quem viver verá.

Daquele jeito, as famílias passavam e avisavam aos filhos: "Estão vendo aquele pessoal ali? Vai ser tudo preso e condenado." Preso a gente está a um certo silêncio. As vezes, o silêncio é de ouro e a palavra de prata. CONDENADOS SEMPRE ESTIVEMOS, SEMPRE ESTAREMOS: SOMOS CONDENADOS À LIBERDADE.



Ilustração: André Luiz (Ceará)

Brasil era a China do Ocidente. Nós dizíamos que, se assim fosse, o Ceará seria o Japão. A gente seguia ao pé da letra um ditado encontrado por Millôr: "A maior vingança é viver bem". E sempre nos acordavam os angustiados para esta realidade.

Morriamos de rir do Pasquim, das dicas do Ivan Lessa, Hélio, Jacy e as cartas... Faziam-nos chorar de tanto rir do sério! Paulo Francis, Jaguar, Sérgio Cabral, Luiz Carlos Maciel. Tinha ainda a "Flor do Mal", "O Bondinho", "Movimento", "Auto-crítica", o jornal "Opinião". Todos de vida média. Época de muitas bombas e assassinatos, a censura terrível... O "Jornal do Brasil" muitas vezes botava na primeira página poemas de Casimiro de Abreu, receitas de bolo. "O Estadão" sempre trazia versões de Camões, quando não vinha inteiramente em branco. As vezes, páginas políticas completadas com apicultura ou floricultura. A revista "Realidade" fecharia em pouco tempo, ficando a eterna lembrança de Sérgio Porto, que morreria naquela época.

O Barão de Itararé também estava censurado. Havia livros mais difíceis que o prêmio da loteria:

"Diário de Che", "Manual do Guerrilheiro Urbano", do Marighella; o "Livro Vermelho", de Mao. Era duro acreditar na morte do "Comandante", afinal já o tinham dado como morto em todas as trincheiras libertárias: Argélia, Congo, Vietnã... O "Quixote das Américas", porém, caía nas mãos dos boinas verdes na colina mais triste da Bolívia. O que acalentava era a força do Ho Chi Min e sua inquebrável trilha onde marchava um exército movido a uma colher de arroz por dia, derrotando o mais bem equipado exército do mundo.

Aqui, a situação era diferente. "Eles" tentavam instalar o IV Reich. Isto era a única coisa em comum que existia entre os diversos grupos armados que lutavam por este Brasil a fora, na cidade no interior, na selva, no exterior. Ao discutir sobre foquismo, fazia-se perder um tempo enorme em conjecturas, auto-críticas... Na verdade, discutia-se um modelo estrangeiro de luta que não iria ser precedente, como se veria depois. Mesmo porque Cuba era um cabaré americano e a grande marcha chinesa não passou de uma grande carreira pro interior do país.

O escritor, terapeuta, dramaturgo e anarquista Roberto Freire — autor, entre outras obras, de “Viva EU, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu”, “Cleo e Daniel” e “Coíote” — fala, nesta entrevista, sobre o seu novo livro “Sem Tesão não há Solução”;/sobre a somaterapia e sobre anarquismo. Entrevista concedida a Antônio Carlos Pacheco, Alexandre Ferraz, Joselito Mimoso e Ricardo Líper.

ACP — Fale-nos sobre o seu livro “Sem tesão não há solução”, data e local de lançamento e sobre o que trata.

RF — O livro está impresso e deve ser lançado entre 10 e 15 de junho, a nível nacional. Em Salvador, o lançamento será numa dessas minhas vindas mensais aqui.

É um livro que praticamente continua as reflexões de “Utopia e Paixão” e onde eu procuro estabelecer mais ou menos claramente o que é, para mim, o meu anarquismo. Neste livro, eu desenvolvo uma tese sobre o significado da palavra tesão, no Brasil, da década de 60 para cá.

A profunda transformação semântica pela qual essa palavra passou corresponde a uma evolução no que seria a vida do jovem no Brasil, quer dizer, a forma pela qual ele vê o mundo e quais as consequências que são deixadas pelo processo da ditadura.

Eu acho que a palavra tesão tem mais a ver com o que aconteceu no mundo de 60 para cá do que ocorreu do Brasil para cá. Eu discuto esse aspecto colocando desenvolvimento da palavra tesão com desenvolvimento da consciência anarquista em todo o mundo. Inicialmente a palavra tesão significava apenas excitação sexual, ereção etc.

Hoje, ela é usada com centenas de significados, mas todos eles ligados a três coisas, basicamente, conforme pesquisa lingüística que realizei: prazer, alegria e beleza. Então, eu posso usar a palavra tesão especificamente para uma dessas três coisas ou para misturá-las. Não se usa a palavra tesão sem que exista pelo menos um dos três elementos citados.

Essa palavra funciona assim como uma espécie de senha que caracteriza uma postura diante da vida e das coisas, diferente da postura tradicional que seria a da vida sem tesão ou com o medo do tesão.

Na verdade, o tesão nunca está ausente, mas você pode estar rejeitando-o, não o utilizando. Ele significa mais ou menos a senha de que algo está por vir, está sendo feito, evoluindo nos últimos anos e vai servir sobretudo ao homem do futuro. Esse homem que não depende do processo dialético da História, não depende do processo social, socializante da história das guerras, da história das dominações. Eu vejo muito mais a história genética, que seria fruto desses conflitos todos que o homem vive, mas ele vai gerando dentro de si algo que de repente vai emergir e o que caracterizaria esse homem do futuro, dentro desse processo genético independente do processo tradicional, seria a palavra tesão. Você localizaria essa pessoa nova como um cara que só vive em função do tesão. Tesão seria uma arma política. Seria não apenas uma sensação física mas uma perspectiva de vida e eu vejo uma ligação total dessa idéia com o anarquismo e tudo que tem a ver com ele. Tudo aquilo que rege a teoria anarquista, a meu ver está ligado a isso que tesão significa hoje.

No livro, eu estou exatamente analisando e estudando isso, tentando ver a aplicabilidade disso. O livro se divide em três partes: a primeira traz alguns capítulos de reflexão filosófica, política e psicológica; na segunda parte, estão todas as minhas entrevistas dos últimos 20 anos nas quais o tema tesão esteve presente, em diferentes épocas e por diferentes razões, visando sempre a relação entre tesão e minha visão anarquista; a terceira parte é uma espécie de manifesto, no qual eu explico a relação que existe entre anarquismo e ecologia, tesão-anarquismo e ecologia, baseado em vários estudos que venho lendo, especialmente americanos.

Ficou claro, para mim, a necessidade da separação, por razões políticas, de ecologia e anarquismo. Para mim, a ecologia só faz sentido se estiver preocupada com a preservação do homem através de mecanismos de poder. Então, estou pouco interessado, hoje em programas de preservação do solo, preservação da natureza, problemas

de contaminação do solo, qualidade de vida, tudo isso é absolutamente secundário porque, por trás disso existe uma sociedade não-ecológica que tem que ser trabalhada. Então, o anarquismo entra como uma preocupação contral, ou seja, a preocupação principal da ecologia deve ser a implantação de um regime que possibilite a sobrevivência do homem na terra através de um novo jeito de organizar a sociedade.

AF — Você falou sobre a estreita ligação entre o tesão, seu significado hoje, e o anarquismo. Sentimos que parece haver uma dificuldade por parte das pessoas atraídas pelo tesão de se organizarem anarquicamente. Como é essa identificação entre tesão e anarquismo, na prática?

RF — Extremamente difícil, embora seja uma coisa que aflora, vem, aparece. Eu passo o dia todo com essas pessoas ansiosas por conhecer o anarquismo, que não suportam a vida burguesa, autoritária, e, entretanto, estão de tal forma carregadas de autoritarismo, que quando chega a hora prática da desintoxicação burguesa, na hora do vamos ver, da vivência autogestionária, o conflito é muito grande e nós temos muito trabalho. A somaterapia praticamente existe, hoje, em função disso — descobrir como ajudar na passagem da vida burguesa para uma vida anarquista. Como fazer, como ajudar as pessoas a encarar na prática, no cotidiano, essa passagem. Aderir a uma associação anarquista, a um centro de estudos, participar de ações diretas, ler um livro, é coisa muitíssimo fácil. O que está sendo extremamente difícil é tirarmos do anarquista o machismo, por exemplo, e conseguir fazer com que o anarquista entenda as opções sexuais como um processo de liberdade e não um processo patológico.

É difícil acabar dentro da vida familiar do cara que quer ser anarquista a utilização da chantagem afetiva. Mas, também, é um trabalho fascinante, no momento em que você consegue tirar, romper o machismo, romper o autoritarismo, o chantagismo, e o anarquismo que existe nas pessoas vem à tona. Não é preciso formar um anarquista. Anarquismo também existe como fator da natureza do homem. Você tem que tirar de cima das pessoas o que está impedindo a eclosão natural do anarquismo. Descubri que o caminho correto é o de não utilizar mais a psicologia com esta finalidade. A psicologia, a meu ver, é um inimigo permanente do anarquismo.

É uma ciência criada, desenvolvida para servir ao poder autoritário. Não acredito na psicologia como instrumento de libertação. Ela é toda forjada. Vejam o behaviorismo, uma teoria absolutamente do condicionamento, da indução, da domesticação. A psicanálise toda é uma teoria que se baseia no instinto de morte, ou seja, no mal essencial, para as pessoas ficarem permanentemente submissas, dependentes do poder. Do poder do médico, do poder do psicanalista, refletindo o poder do Estado autoritário. Reich foi o único que tentou romper com isso, mas ainda traz dentro de si uma porção de coisas que ainda são herdadas da psicanálise, herdadas da sua formação, inclusive o seu machismo exacerbado. Mas, enfim, a psicologia não serve para nada. Eu digo nesse livro, inclusive, que a psicologia é a maior das neuroses. É a neurose intitulada com poder de desneurotizar o que ela quer desneurotizar, e neurotizar o que ela quer neurotizar. Então, para nós, a psicologia está totalmente eliminada do processo de trabalho, tanto assim que nós temos em formação/terça de 80 a 100 pessoas, entre as quais uns quatro ou cinco psicólogos, que já rejeitaram a psicologia, que não se utilizarão da psicologia na sua formação. Temos advogados, cientistas sociais, administradores de empresas, pintores, artistas de teatro, jornalistas, procurando formação e sendo tão úteis como qualquer psicólogo, qualquer psiquiatra, porque todos os conceitos tradicionais da psiquiatria e da psicologia estão fora da soma. Nós não precisamos deles. Nós nos utilizamos da política, massa política entendida como organização, tendo como alguns parâmetros



Sem tesão não há solução

bem claros, em relação à teoria da ludicidade, o prazer como sendo o indicador da correção ecológica. O prazer indicando o encaminhamento correto da vida.

Então você me pergunta sobre as dificuldades. Elas são grandes, mas são também fascinantes, porque agora nós estamos começando a utilizar, em lugar da psicologia, a ciência política dentro da visão anarquista. Uma sessão de somaterapia é sessão de conflitos políticos, de luta política, em que o indivíduo traz uma neurose que é produzida pelo capitalismo burguês e nós tentamos libertar essa pessoa da neurose através de uma opção, modificação da sua opção, consciente ou inconsciente. A opção consciente é muito fácil a gente eliminar, agora a opção inconsciente é que é mais difícil, ela aparece sob formas muito sutis. Um exemplo — pacto de mediocridade — coisa com a qual nós trabalhamos muito. É uma forma inconsciente de você não fazer uma evolução, de você permanecer no estágio em que você veio, formado pela sociedade burguesa. Uma pessoa que chega atrasada frequentemente às sessões, é interessante observar que seus companheiros não reclamam. E se você for observar o porquê, é por que eles sabem que um dia vão chegar atrasados também e não querem ser acusados. Algo assim como “olha, eu não mexo com você nem você mexe comigo”. Mas isso não é dito. É feito através de acomodações sutis.

M — Eu estava meio atrasado e preocupado, numa das sessões, mas me lembrei das últimas vezes que eu tinha chegado no horário e o pessoal atrasado e isso me deu forças para não ficar preocupado...

RF — Nós estamos trabalhando no plano inconsciente também com o problema das relações afetivas-sexuais, desse homem novo, homem que não vive sob o império do autoritarismo da sociedade burguesa. Vendo se ele é capaz de inventar uma nova forma de amor que não seja a do amor tradicional. Se ele é capaz de realizar uma experiência de casamento aberto, ou então como é que ele lida com o ciúme.

AF — Quando você reúne o pessoal, você tenta tirá-lo dessas pressões todas sob a qual ele vive. Mas quando essas pessoas saem da reunião, elas voltam a viver com o autoritarismo. Isso causa algum desequilíbrio? Como é que as pessoas se comportam diante dessas forças antagonicas?

RF — Em princípio, seria extremamente desvantajoso para nós essa correlação de forças. Você trabalha três horas numa semana, então o indivíduo vai embora e fica uma semana inteira dentro da sociedade. Então, a gente dá um passo pra frente e quando ele sai da sessão dá vinte pra trás. Então descobrimos uma técnica com a qual temos tentado resolver isso — criação do grupo — aquela sessão que os clientes fazem com o terapeuta e nesse grupo eles vão descobrindo um jeito de fazer uma microsociedade que produza a terapia nele, porque não é o terapeuta que produz terapia na soma. É a possibilidade do grupo se organizar de tal forma que possa criar normas de relação que correspondam à sua ideologia. Então vai aparecer logo, de cara, o debate ideológico e se ele mostra que existe ali um bando de pessoas interessadas no socialismo, elas têm que aplicar

lações e já viu, na vivência do grupo, o que pode acontecer. Então o indivíduo começa a implantar, dentro das suas próprias casas, núcleos de vida libertária e passa por experiências difíceis e aquelas pessoas que conseguem alguma coisa são as que nos dizem que a somaterapia lhe fez bem. Não que cure alguém, porque não se trata disso. Mas acham que a terapia foi útil porque mudaram a forma de amar, de criar, de se relacionar e essa mudança nasceu de uma experiência vivida em laboratório. Estamos conseguindo algumas vitórias por causa desse laboratório. Se fosse direto, fazer a sessão de terapia e mandar pra casa, eu acho que perderíamos de dez a zero.

Porém, nós começamos com, digamos, 30 pessoas. Vai diminuindo para vinte, quinze e terminamos com dez, porque a maior parte vai embora porque não consegue viver o laboratório. E mesmo que consiga, não tem coragem depois de aplicar essas descobertas na vida cotidiana. Outros vão até o fim da terapia. Sabem o que têm que fazer, começam a fazer, mas vem uma reação muito forte por parte do sistema e eles interrompem a sessão. Tipo o cara que quer largar o emprego, precisa largar um emprego escravizante, mas não conseguiu desenvolver uma criatividade competente o suficiente para poder prescindir do sistema, ganhar dinheiro sem precisar do sistema e com a pressão econômica, através de família, filhos, ele acaba retrocedendo.

RF — Abordando o aspecto agora mais político, gostaria de saber como você chegou ao anarquismo...

RF — Eu fui um estudioso de marxismo e desde menino eu vivi enfrentando ditaduras. Enfrentei a ditadura do Getúlio, em tempo de estudante, vivi na faculdade conflitos com a polícia. Foi uma ditadura muito violenta. Acho que o pessoal se esquece. Quando se fala em Getúlio, hoje, lembra-se apenas o seu aspecto trabalhista, mas se esquecem de Filinto Muller, esquecem da repressão que existia naquela época.

Então eu sempre fui uma pessoa que sempre tive uma intuição do socialismo, uma intuição anti-autoritária e veio o marxismo. Era o prato que se oferecia para as pessoas indignadas com a vida. Mas eu sempre tive muita dificuldade e nunca consegui completar meus estudos de marxismo. Tinha alguma coisa que me atrapalhava, eu me recusava a uma série de coisas. Eu não via, nessa época, nada de anarquismo e as pessoas que me ofereciam bibliografia eram marxistas. Então, eu não via nenhuma razão para contestar o marxismo.

Aliás, a mesma coisa aconteceu com a psicologia. Eu fui fazer psicanálise, coisa mais revolucionária que existia na época, década de 50, e a bibliografia que me vinha era completa, sem Reich. Era proibido ler Reich. Bem, eu fui militando politicamente na minha vida sempre acompanhando os marxistas, o pessoal do partido. Tentei entrar para o partido uma vez, mas não tive nenhum interesse em permanecer nas reuniões, eram profundamente desagradáveis, eu sentia que havia uma recusa interna minha em aceitar aquelas coisas, como também eles me recusaram muito facilmente. Houve assim um desinteresse mútuo e evidente.

Mas aí veio o golpe e eu precisava militar contra a ditadura. Não só porque eu tinha vivido a violência de um governo Getúlio enquanto estudante. É que eu também tinha sido educado dentro de um autoritarismo familiar que refletia o sistema burguês. Por exemplo: eu fui vítima de uma violência tremenda por parte da minha família, através da dupla vinculação, me fazendo ser médico, coisa que eu absolutamente não suportava, tinha horror à Medicina, mas fui violentado a fazer o curso. Eu tinha também no plano psicológico, no plano familiar, a presença dessa violência autoritária.

Quando veio o golpe, eu estava tentando me aproximar da Ação Popular, mas eu estava mais interessado nessa época em fazer um jornal. Eu estava militando através do jornalismo, neste período, e do Serviço Nacional de Teatro, onde eu encontrava muitos militantes da AP. Nessa militância de reação à ditadura eu voltei a estudar marxismo-leninismo e sempre com as mesmas dificuldades.

Foi quando eu fiz uma viagem à Itália (já tinha ouvido falar alguma coisa de anarquismo, mas não me despertava nada, especialmente). Meu livro “Cleo e Daniel” estava sendo traduzido para o italiano e por coincidência o tradutor era um militante anarquista. Eu caí dentro de uma casa onde a família era anarquista. A relação com os filhos, a forma como eles produziam e trabalhavam era chocante. Ele me levou a visitar centros anarquistas. Eles coordenavam todas as greves naquela região da Itália, combatendo, simultaneamente, sindicato, patrões, chamando para a consciência revolucionária. Era lindo ver como eles trabalhavam e comecei então a assistir discussões e participei de algumas ações e comecei a ler e tive uma

terível surpresa: tudo aquilo que eu não conseguia absorver, entender, que eu criticava no marxismo-leninismo, estava naquilo que eu lia de Bakunin. É claro que nunca tinha pensado aquelas coisas que ele tinha escrito, mas os anarquistas tinham pensado por mim exatamente o que eu precisava saber pra completar a minha noção de mundo, de história, política etc. Aí foi uma vertigem. Eu procurei ler o mais possível, mas também não tenho muito saco para ler coisas teóricas, mas tento aproveitar ao máximo. Voltei para o Brasil, procurei o movimento aqui e decidi escrever um livro no qual eu pudesse clarear minhas idéias e mostrar para os companheiros qual era a minha posição verdadeira. Foi o “Viva Eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu”. Livro caótico. Livro de abrir gaveta, puxar tudo que eu tinha e fazer a minha profissão de defensor anarquista e comecei, aí, a verificar uma outra coisa maravilhosa também: é que tudo aquilo que eu havia feito com a minha família, com os meus filhos, era um trabalho anarquista. Era uma tentativa de descobrir um jeito novo de organizar uma família, de viver um amor, de cuidar do filho. Eu e minha mulher, juntos, intuíamos coisas que hoje eu sei que é a pedagogia anarquista.

Então foi uma paixão, não só porque me satisfazia intelectualmente, satisfazia à alma revolucionária, mas comprovava uma coisa que eu já sabia e já estava fazendo. Daí então comecei a ver a necessidade de se encontrar um meio de militância que atendesse à minha vocação, meu jeito e uma ação anarquista. Foi exatamente o desenvolvimento da somaterapia. Estudei loucamente anarquismo, antipsiquiatria e Reich. Mas o início dos meus contatos com militantes anarquistas foi com você. A primeira vez que me dirigi a um anarquista foi a você, Ricardo, através do jornal, deste jornal.

Na Itália, na cidade onde fiquei, Forlì, havia coisas bastante interessantes. Foi lá que nasceu Mussolini (risos). Foi lá que eu conheci um menino, que limpava a sede do centro anarquista deles, que uivava, e me deu a primeira idéia de escrever “O Coíote”.

AF — Você falou antes da entrevista, com a gente, sobre o fato do anarquismo estar em moda e ao mesmo tempo sobre esta sintonia imediata que você teve com o anarquismo quando o descobriu. Até que ponto essa moda seria puramente moda ou seria uma identificação progressiva das pessoas diante da falência dos sistemas que seriam opcionais?

RF — Acho que o interesse real, teórico, sem dúvida alguma é fruto da falência do socialismo soviético. Porque a falência do capitalismo burguês, já não se discute mais. Depois da grande esperança que se teve com o socialismo soviético e a decepção, qualquer pessoa que realmente se interesse pelo socialismo tem que se voltar para o anarquismo. Se ele estuda um pouquinho de história ele vê.

Agora, existe uma coisa interessante — antigamente, quando se falava “anarquismo”, imediatamente havia risadas e as pessoas identificavam o termo com caos, bagunça. Hoje já não é mais assim. As pessoas sabem o que é e mesmo no meio burguês já se tem uma noçãozinha do que é anarquismo. No trabalho da gente, de uma certa forma, vem trazendo uma credibilidade enorme ao anarquismo.

Dentre os jovens, tem uma moda que me incomoda. Porque é como se dissesse — “Eu sou anarquista e não tenho nada com isso”! “Eu sou anarquista, eu cago pra tudo, eu contesto tudo, vou exercer meu individualismo”. Então é esse aspecto da moda que não gosto muito. Como se no anarquismo coubesse tudo e inclusive a indisciplina patológica. O problema da nossa dificuldade de organização, por exemplo, é uma coisa muito grave. Então eu vejo alguns anarquistas terem um tipo de individualismo que é muito mais de origem neurótica do que de origem política. Refuta qualquer possibilidade de organização, como se fosse possível qualquer organização sem disciplina. No livro “Sem tesão não há solução” eu estudo o conceito anarquista de disciplina, como é que entendo que seja a disciplina para uma vida anarquista. Acho fundamental pensar e refletir sobre isso. Então esses anarquistas da moda, muitos vêm com esta proposta de indisciplina. Eu vejo muito isso nos grupos de terapia. De vez em quando um cara diz pra mim “Eu sou anarquista. Eu sou pelo socialismo libertário, mas eu não tolo trabalhar em grupo. Não suportar. Não aguento esse problema de horário, as obrigações e tal. Eu quero ser um anarquista puro”. Esse “puro” é preciso botar aspas, porque justamente o anarquista “puro” é o autoritário disfarçado. Quer dizer: “Eu faço tudo que me der vontade de fazer, desde que eu mande”.

Continua na pág. 8



Sem tese não há solução

Há um agravante: nós somos alvo dos dois lados. Porque eles (comunistas e capitalistas) sempre se unem nessa hora. E eu tenho um exemplo típico disso: quando eu publico um livro, saem apenas resenhas pequenininhas, mas nunca um estudo, nunca um destaque. Se meus livros fossem livros que não vendessem, ninguém se interessasse, tudo bem. Mas vendem muito. Eu nunca entendia muito bem porque isto acontecia, até que um dia eu perguntei para um amigo jornalista e ele me disse: "Porque você não é nem capitalista, nem comunista e nem mineiro". Porque se fosse qualquer uma dessas três coisas, lógico que saía. Todas as redações de jornais de São Paulo são dominadas por mineiros e mineiros que são ou capitalistas ou comunistas.

Eu sinto em relação a mim uma guerra estabelecida, no campo da difamação. Isto vem da PUC (tenho um assistente que está pesquisando isso. Não para nenhum desagravo, mas para a gente saber de onde vêm essas coisas...). Os professores, os psicólogos da PUC e tal, quase todos eles behavioristas, são pessoas que me criticam muito. Mas é uma crítica que nunca é feita publicamente. Vem dos colegas que fazem terapia sem declarar a sua ideologia e aos quais eu acuso permanentemente de estarem fazendo psicologia de adaptação ao sistema. Vem da família burguesa ou da família "de esquerda", que quer ver os valores tradicionais mantidos, casamento, pátria, poder, machismo, virgindade das filhas. Quer dizer, todas essas coisas que eu tenho como sendo produtos neuróticos. E há também um problema de mercado — o crescimento da soma está tirando clientes de outras pessoas. Eu fico espantado porque essas pessoas nunca foram a uma conferência minha, nunca publicaram um artigo em jornal contestando o aspecto científico da soma, o aspecto ideológico, o aspecto técnico. No entanto, em sessão, os meus colegas dizem que eu sou charlatão, que as minhas sessões são surubas, que todo mundo fica viado ou puta e que eu como todo mundo? Todas as mulheres, e outros já dizem

também que eu estou transando com homem (levantando um certo questionamento da minha identidade sexual). Fica essa difamação, que afasta muita gente, mas hoje em dia está criando até um certo charme. No fundo, falando sério, acho que tais atitudes já fazem parte de uma tentativa de nos eliminar da seriedade das coisas.

Mas eu sinto um aumento progressivo. Pelo menos na minha área. Eu sempre disse que o terapeuta que não declarar a seu cliente, de imediato, qual é a sua ideologia política, ele está traindo o cliente. Ele vai utilizar-se dessa ideologia não declarada como processo de dominação, de indução. Agora, se você abre o jogo, diz qual é, o cliente pode até se defender, criticar, ir embora. A maior parte dos terapeutas diz que seu trabalho não é político, é psicológico, como se qualquer relação humana não tivesse um conteúdo político, sobretudo essa, pois há um poder enorme do terapeuta sobre o cliente. Então, se ele não declara a sua ideologia política, ele está exercendo a ideologia vigente.

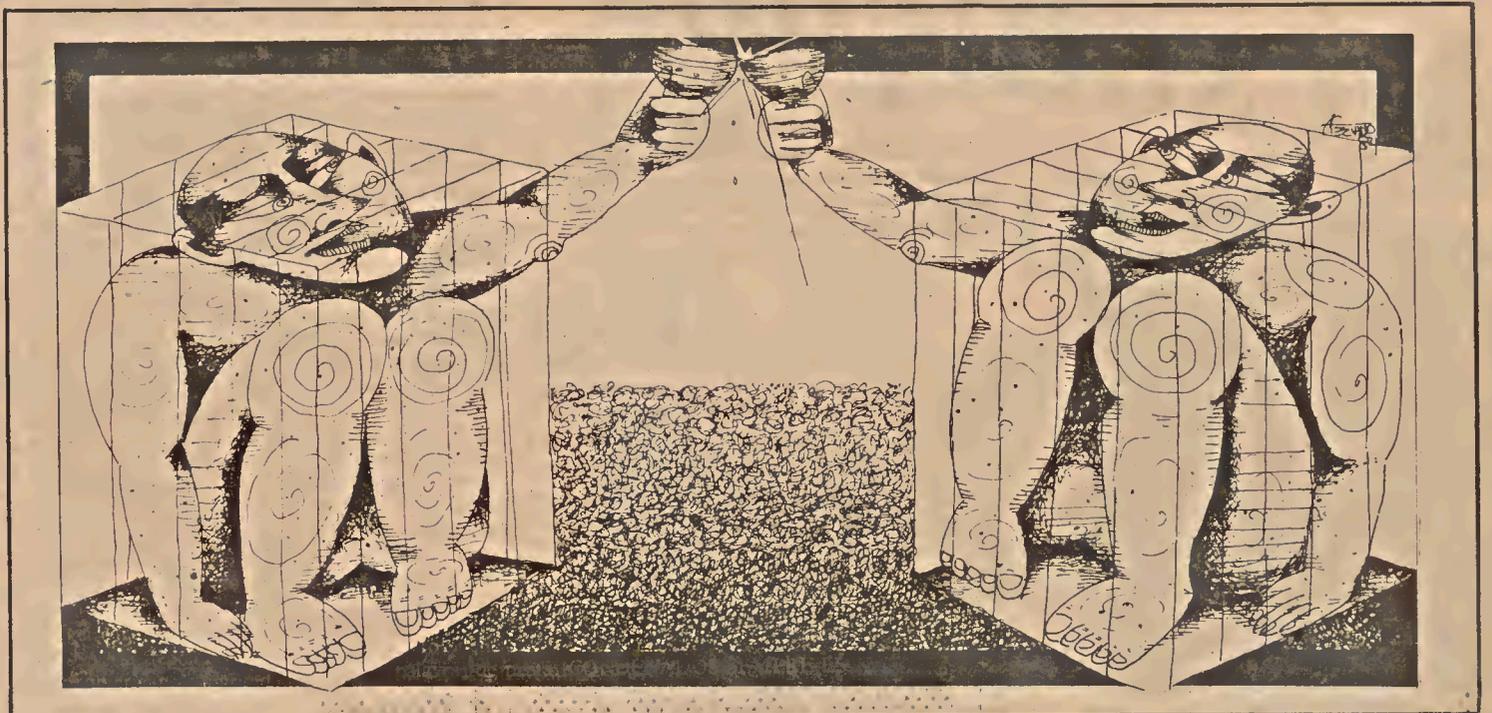
Então eu declarava logo que era anarquista e muitos clientes ficavam bastante incomodados e vários iam embora. Agora está mudando, também porque nós damos muita bibliografia para o cliente novo. Inclusive, estamos agora traduzindo uma revista anarquista francesa muito útil, a história do anarquismo bastante ilustrada, agradável de ver.

ACP — O anarquismo está crescendo e isso dá para a gente notar. Pode até não estar crescendo muito em termos de organizações formais, mas cresce na consciência das pessoas em geral, em toda parte. No Brasil especificamente, onde as coisas chegam muito devagar, as próprias autoridades estão se preocupando com o movimento anarquista. Autoridades que a gente nunca ouviu falar antes que elas soubessem do que se trata o anarquismo. Sempre os comunistas eram a "ameaça" para o "status quo". Hoje vemos ministros, o presidente e até editores de jornais usarem o termo "anarquis-

Enquanto viver a Natureza, o Homem não morrerá.

mo". Como você vê isso? Nós seremos os próximos bodes expiatórios para o que não der certo no país?

RF — E. Eu acho que a coisa está chegando aí e tem que chegar. Não tem outra alternativa. No momento em que os comunistas aderiram ao poder, de uma maneira óbvia, clara. No momento em que eles toparam a anistia bilateral (eu nunca topei a anistia bilateral. Também nunca fui consultado. Mas eu jamais daria a anistia bilateral). Na medida em que as coisas forem caminhando e voltar a haver um confronto entre socialismo e capitalismo, que haja qualquer ameaça ao capitalismo, eles evidentemente não vão se voltar contra os comunistas, eles vão se voltar mesmo para os anarquistas.



A organização anarco-sindicalista

A estrutura de uma organização anarco-sindicalista:

a) Os organismos de base devem dispor, na determinação de suas próprias atividades, da mais ampla autonomia compatível com a unidade de ação geral da organização;

b) Que a democracia direta, ou seja, a decisão coletiva por todos os interessados, seja aplicada em todos os casos em que for materialmente possível;

c) Que os organismos centrais, que têm poder de decisão, sejam constituídos por delegados dos organismos de base, eleitos e revogáveis a qualquer momento.

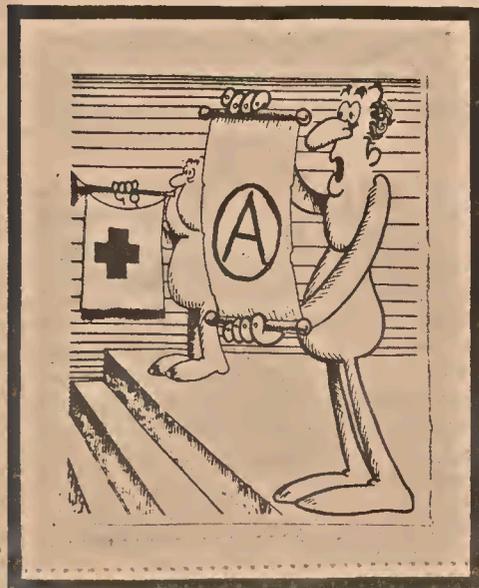
Estas organizações apenas poderão desenvolver-se e mesmo simplesmente existirem se suas atividade, estrutura, idéias e métodos corresponderem à consciência antiburocrática dos trabalhadores e a expressarem.

O fim e o meio da política revolucionária destas organizações consistem em contribuir para o desenvolvimento de consciência do proletariado, em todos os domínios. Não se tomando a palavra consciência como registro e reprodução, ou aprendizado de idéias trazidas de fora, ou contemplação de verdades prontas e acabadas. Mas sim como atividade, criação e capacidade de produzir. Não se tratando de "desenvolver a consciência" através de lições, qualquer que seja a qualidade do conteúdo e dos pedagogos, mas de contribuir para o desenvolvimento da consciência do proletariado enquanto faculdade criadora.

Assim, a tarefa da organização não seria a de pregar ou de ensinar ao proletariado uma "teoria correta". Também não é a de chegar a uma concepção, a melhor possível, da luta revolucionária, e de conservá-la para si mesma.

Uma das tarefas da organização seria dar expressão à experiência dos operários, ajudando-os a tomar consciência da consciência que já possuem, pois dois obstáculos impedem essa expressão dos trabalhadores. Primeiro, o monopólio exercido sobre os meios de expressão pela burguesia, pelos partidos "de esquerda" e pelos sindicatos. Assim, a organização deverá pôr seus órgãos à disposição dos trabalhadores, organizados ou não. Segundo, mesmo que possuam meios materiais, os trabalhadores não se expressam. Daí encontra-se a idéia — constantemente criada pela sociedade burguesa e propagada pelas organizações "operárias" já conhecidas nossas — de que o que eles têm a dizer não é importante. A convicção de que os "grandes" problemas da sociedade não têm relação com a experiência operária, de que são coisas para especialistas e de dirigentes políticos, penetra constantemente no proletariado. Cabe à organização combatê-la, inicialmente, através de sua crítica da sociedade atual, mostrando em particular a falência do sistema e a incapacidade de seus dirigentes de resolver os problemas do mesmo; em seguida, e, sobretudo, mostrando a importância positiva da experiência dos trabalhadores, a resposta que tal experiência contém em germe para os problemas mais gerais da sociedade. Somente na medida em que for destruída a idéia de que aquilo que os operários, e mesmo o povo, na sua maioria, têm a dizer é insignificante, é que os operários se expressarão.

Núcleo Pró-COB Bahia. Retirado parcialmente do livro "A Experiência do Movimento Operário", de Cornelius Castoriadis.



O anarquismo e o escravo moderno

Informava-se, no congresso da Confederação Operária Brasileira em 1906, o seguinte, sobre as condições de trabalho dentro da indústria: "Imaginem-se em um lugar onde trabalhem centenas de operários sem sequer uma janela. Pois isto é o que há em quase todas as fábricas. As que têm janelas não as abrem por não quererem que seus escravos percam tempo olhando a rua."

E hoje...?

Hoje, temos janelas nos locais de trabalho, e estas podem permanecer abertas. Mas deixa de ser escravo o trabalhador quem pode observar a rua, sem ter a liberdade de sair e andar sobre ela, na hora que desejar, mesmo sem o consentimento de um supervisor, que representa o patrão ou governo? Será que deixa de ser escravo aquele que dentro de complexos industriais (verdadeiros campos de concentrações), tem a liberdade de andar por suas vielas, distantes até 10 Km do mais próximo centro urbano? Será humano o trabalhador que não tem sequer o direito a saúde, aspirando todos os dias, durante horas e horas, substâncias insalubres, que provocaram no mínimo, uma sinusite? Valeu a pena "viver", ou seria sobreviver, doze horas por dia, a serviço de um grupo de pessoas que se servem da sua ignorância, para enriquecerem mais a cada hora de seu trabalho?

Esquecer tudo o que se sofre e como se é oprimido ainda hoje dentro das indústrias, desde as fábricas de "chips" para computadores até as petroquímicas, com o trabalhador alienado, abrindo válvulas ou aquecendo barras de silício, é estupidéz. Compreendendo a opressão, o operário estará verificando a necessidade de agir, diretamente, buscando as saídas, como procuravam os trabalhadores brasileiros das duas primeiras décadas do século, através de federações que agiam sem pactos com partidos ou com governo, numa luta que convergia nacionalmente para a Confederação Operária. É por tudo isto, e muito mais, que os anarquistas se reorganizam hoje, em grupos anarco-sindicalistas.

Baqueiro — Núcleo Pró — COB

O medo da liberdade

O modelo sindical brasileiro é baseado na "CARTA DI LAVORO" do fascista MUSSOLINI e foi implantado no Brasil por GETÚLIO VARGAS, na década de 30, como forma de consolidar a eliminação física do SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO, organizações operárias que os ANARQUISTAS do início do século disseminaram como preparação das massas operárias para a REVOLUÇÃO SOCIAL.

O sindicato corporativista, que foi referendado por todos os governos que sucederam o ESTADO NOVO, é hoje ameaçado pela CONVENÇÃO 87 da OIT, pois este significa o pluralismo sindical e a extinção da contribuição sindical, o que acarretaria na falência dos SINDICATOS PELEGOS e congêneres, que estão incrustados nas tetas do MINISTÉRIO DO TRABALHO.

A CONVENÇÃO 87 foi aprovada a 17 de Junho de 1948, na 31ª sessão da CONFERÊNCIA GERAL DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO e trata da liberdade sindical, onde se assegura o direito de auto-organização dos trabalhadores em sindicatos, federações, confederações, centrais e filiação a organismos internacionais com qualquer número de sócios; elaboração própria de estatutos e regulamentos; eleição livre de seus representantes; elaboração do programa de ação e a gestão de suas atividades. E, tem mais, o ESTADO não poderá intervir para limitar esse direito ou entrar o seu exercício legal, nem por via administrativa nem por via legislativa. A ameaça de Sarney de forçar o Senado a aprovação da CONVENÇÃO 87, que esteve engavetada por mais de trinta anos na Câmara dos Deputados e foi aprovado em 86, visa pressionar as centrais (CUT, CGT e USI) no trato da onda grevista que campeia no país. Os "todopoderosos" das centrais (Menegelli, Joaquinão e Magaldi) já se posicionaram contra a aprovação total da CONVENÇÃO 87 e estão em negociação com PAZZIANOTTO no sentido de que se encaminhe uma nova lei, mas que não lhes tire o monopólio do controle sobre os trabalhadores e nem de imediato os milhões de cruzados que são repassados da contribuição sindical (um dia de trabalho de cada ASSALARIADO) pelo MINISTÉRIO DO TRABALHO, aos sindicatos estruturados nos moldes da CLT (CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO).

É necessário que se diga: o rebu dos presidentes

das centrais, confederações, federações e sindicatos nos meios de comunicação pela NÃO aprovação da CONVENÇÃO 87 tem toda razão de ser. Além de perderem a mamata a que já estão acostumados (vide os milhões de cruzados que são manipulados pelos atuais "representantes" da classe operária), terão de enfrentar um avalanche de organizações de NOVO tipo, onde os trabalhadores serão verdadeiros donos, por assim dizer da NOVA estrutura. Escolhendo para si o tipo de organização sindical que melhor represente seus interesses e portanto exercendo maior e melhor controle sobre suas atividades.

Nós, anarco-sindicalistas, que sempre defendemos o livre direito de organização, estamos na luta pela reorganização dos trabalhadores em sindicatos que se estruturam de baixo para cima, que a assembléia seja a estância máxima e que a diretoria atue meramente como órgão executivo. Defendemos também o sindicato como órgão livre da influência das igrejas, do Estado, e dos partidos políticos, pois só com AUTONOMIA os objetivos serão alcançados.

SOCIALISMO, só autogestionário.

Pró-COB/Bahia

Ideologia dos Movimentos Sociais (Cleuzete)

A evolução libertária dos movimentos na sociedade tem sido determinada diante dos interesses de classes dentro do contexto maior das organizações sociais. Uma reflexão desse ponto de vista coloca em pauta o confronto entre os vários movimentos desenvolvidos no seio das sociedades que buscam a cada dia mais liberdade e bem-estar. Dessa perspectiva podemos observar o quanto os movimentos políticos têm se distanciado dos demais movimentos. A quantos anos a população oprimida não saiu do seu estágio primário de ditadura da miséria capitalista e do arbítrio marxista? Se analisarmos através de um gráfico, os movimentos políticos serão os únicos que apresentarão uma estrutura ao mesmo tempo crescente e decrescente, e os pontos mais baixos são representados principalmente por golpes militares e marxistas.

A realidade política se comparada à arte mundialmente falando, não fica difícil perceber a defasagem que há entre ambas; embora nem todos os artistas contaram com o privilégio de optar pelo trabalho artístico, já que raramente pode-se fazer uma opção profissional nas sociedades em que vivemos.

Ao contrário da história política, a história da arte tem caminhado sobre seus próprios pés, seu percurso tem sido contínuo, e atinge uma escala mundial, ou seja, a escalada da arte não depende de forças locais, mas da força que possui a individualidade humana, para a qual as peias impostas pelas "organizações políticas" são inúteis.

A arte de representar que teve sua origem nos altares religiosos, serviu posteriormente para criticar a própria opressão religiosa, a música e as artes plásticas que através de suas técnicas avançadas têm passado pelos mais diferentes estilos, a própria literatura, que muito tem se servido para importantes denúncias sociais, com suas várias manifestações, até a literatura moderna, todas elas são uma prova de que o compromisso com as mudanças e a liberdade de ação é uma necessidade imperativa.

Não nos cabe analisar o valor das várias manifestações artísticas, mas sim compreendermos que cada uma corresponde às necessidades imediatas de um povo. Ao contrário a realidade política tem sido imposta pelo poder de pressão de uma minoria formada pela estrutura de governo ou das potências mundiais.

Podemos admitir os erros cometidos nos movimentos políticos pela inexperiência, mas persistir nesses mesmos erros, seria no mínimo adiarmos nossa própria morte em nome dos interesses de quem nos quer conduzir; a livre iniciativa com o advento do capitalismo não deu certo, a "ditadura do proletariado" com o comunismo marxista foi uma farsa. Até quando seremos massa de manobra do poderio e do arbítrio?

A autoridade individual do artista o faz produzir arte, da mesma forma qualquer autoridade exterior ao indivíduo o faz fantoche.



無政府主義者 全国集会

★1985年8月6日(火)

午後1時~4時

(午後3時よりデモ)

★新八丁堀会館5階

(広島市中区八丁堀8の28)



As lutas sociais se desenrolam na história. Só se pode entender em profundidade o anarquismo, hoje, a partir de uma reflexão que, a meu ver, passa por uma interpretação da história das lutas sociais e o fracasso das revoluções "libertadoras".

Quando começou a opressão de uma classe sobre a outra, organizando um estado opressor e autoritário? O que teria motivado isso?

Existem várias hipóteses. Mas não nos interessa aqui o que levou ao surgimento do estado autoritário, das classes e da opressão. O que nos interessa são as lutas de libertação.

Desde que surgiu a opressão, iniciou-se também a luta de classe. Não me venham esses modernos sociólogos e historiadores da burguesia, querelar se eram classes, grupos, tribos ou clãs. Eram grupos oprimidos lutando pela libertação e é isso que nos interessa aqui e agora.

Essas lutas se dão na história. Aumentando em intensidade e grau de consciência política e organização. Esse fenômeno é que me parece muito importante.

O projeto revolucionário de Espártaco, por exemplo, é inexistente. Tudo indica que queriam voltar para África ou, no mínimo, se apossar do poder e exercê-lo. Nada indica que possuíam uma consciência e uma preocupação de libertação de todos. No desafio do autoritarismo de Roma foram grandiosos. Para isso, contribuíram as condições objetivas da sociedade escravista, o que os marxistas costumam chamar de infra-estrutura, e a inexistência do conhecimento de experiências históricas de revoluções semelhantes.

Numa revolução, é muito importante a consciência da opressão, as estratégias, organização das lutas e o projeto revolucionário de mudanças a serem efetuadas. Se observarmos as lutas de libertação dos oprimidos em toda a história, vamos perceber que há um amadurecimento da consciência

de classe, das estratégias, da organização das lutas e do projeto revolucionário a ser implantado.

As revoltas camponesas de Münzer, por exemplo, já revelam maior grau de consciência do que Espártaco; já falam de igualdade e liberdade para todos. Seria mecanicista demais e simplista explicar a preocupação em libertar e igualizar todos nas necessidades da infra-estrutura. Münzer mesmo não seria explicável com essas categorias. Como na Idade Média poderia se pensar o socialismo como solução revolucionária? É que negligenciou-se o fator material concreto da brutalidade da opressão autoritária e o processo de conscientização de sua superação.

A Revolução Francesa apresenta um grau de amadurecimento muito grande embora ainda embaraçada em mecanismos e estratégias que iriam permitir que a burguesia se apoderasse da força revolucionária popular para dar livre curso ao desenvolvimento do capitalismo. Existem, na Revolução Francesa, vários projetos revolucionários. Os mais radicais e socialistas não possuíam força suficiente, grau de consciência, estratégias que impedissem os golpes que a burguesia deu na revolução.

Cuidado para não ficarmos naquela interpretação superficial e idealista, porque vinda de Hegel, de que a burguesia era a encarnação das necessidades históricas. Em Hegel, compreende-se devido ao seu panteísmo incubado. Em outras palavras, é Deus quem quer. É uma força, é a idéia absoluta que é realidade, daí totalidade e a necessidade.

No confronto, durante a Revolução Francesa, após a derrocada da aristocracia, a burguesia conseguiu apossar-se das forças produtivas e estabelecer uma ditadura. É provável que as circunstâncias tenham conspirado a favor dela e contra os trabalhadores. É provável que o grau de consciência deles de uma real libertação fosse pequeno. Mas tenhamos cuidado para não transformar o provável em necessidade e cairmos numa interpretação idealista da história, mesmo chamando-a de materialismo histórico.

O anarquismo nada mais é do que a forma até agora mais acabada de consciência de como fazer uma revolução que seja socialista de fato.

Essa preocupação surge codificada na história com Proudhon. Depois com Bakunin na Internacional dos Trabalhadores. O que esses homens fizeram foi aumentar a percepção das classes oprimidas em relação aos mecanismos de sua opressão e das táticas que deveriam usar para impedir que a próxima revolução se degenerasse numa nova forma de opressão.

O anarquismo é portanto, uma reflexão sobre como fazer uma revolução socialista que acabe realmente as classes, e não a criação de novos estratos sociais que infelizmente, como advertiram a Marx, o marxismo fez nascer.

Depois, portanto, de várias tentativas de libertação que a humanidade vem fazendo no decorrer da história, é natural que surgisse em determinado momento um grau de consciência mais apurado, fruto da análise de muitos fracassos e empurrado pelas próprias contradições da história; uma maior

conscientização de quais as estratégias que garantiriam ao socialismo a abolição das classes e a socialização dos meios de produção.

Porque o problema de toda revolução que o homem fez até agora é conseguir de fato igualizar e libertar os homens. O grande problema do socialismo, hoje é exatamente esse. Como fazer o socialismo dar certo? As experiências marxistas provaram não serem as vias exatas.

As atenções e preocupações voltam-se para os anarquistas. Parece que a história quer, se é que ela tem vontade, que se inicie uma retomada de suas preocupações. Porque o fato é que as revoluções prometem libertação e em verdade mudam a face da opressão. Poderíamos dizer que nesse sentido todas foram traídas. Notamos também que ao se suceder foram se radicalizando em propostas. E o próprio marxismo, ao manter um pé na revolução popular e outro no parlamento, é a ambigüidade dessa consciência. Nesse aspecto é uma consciência inacabada. Ambígua.

O que se chama anarquismo é um corpo de escritos nem sempre coerentes que revelam o amadurecimento histórico da classe operária no sentido de dotar-se de uma consciência revolucionária que possui estratégias para impedir que a próxima revolução socialista degenerasse em novas formas de opressão. O anarquismo é, antes de mais nada, a forma mais radical e, até agora a mais acabada de consciência de classe proletária.

Para libertar os trabalhadores e socializarem os meios de produção, os anarquistas chegaram à conclusão de que:

1- Toda a autoridade, mesmo a que se diz socialista e companheira, deve desestimular de mandar para não se constituir numa nova classe. Há, portanto, a abolição da autoridade de um homem sobre outro.

2- O problema não é a tomada do poder, porque isso iria conduzir à substituição de uma elite por outra, como sempre ocorreu na história, mas a substituição do poder por formas de organização alternativas.

Hoje, a forma de libertação já experimentada é a autogestão generalizada, ou seja, o controle dos meios de produção por aqueles que neles trabalham, onde todos são iguais.

3- O processo de libertação dos trabalhadores deve ser obra deles e nunca de um bando de "revolucionários" profissionais, porque, como já provou a história, estes tenderiam a oprimir os operários e a se constituírem numa nova classe.

4- Não se deve organizar os operários em partidos. Não existem partidos de trabalhadores. O partido é uma criação e artimanha da burguesia e sempre tem de ser hierarquizado, autoritário e pretender a tomada do poder. Caso contrário não será um partido e não funcionará, sendo incompetente naquilo em que se propõe.

Ora, é autoritário por fundamento. Tem de participar de uma série de táticas que o força a ser instrumento autoritário que, diga o que disser, fatalmente oprimirá os trabalhadores que diz representar. O partido cria estruturas tais, onde o socialismo fica impossível de ser implantado caso ele tome o poder. É coerente a ditadura e a opressão, levando o socialismo à barbárie e ao seu oposto.

Por isso, os anarquistas não se organizam em partidos.

5- Organizam-se em coletivos autogestionários. Os trabalhadores em suas organizações de classe que visam preparar o trabalhador para administrar os meios de produção. Essa preparação se dá no seio de uma ação política autogestionária. Os anarquistas não têm chefes. Eles autogestionam a prática política como o embrião da nova sociedade socialista. Enquanto o partido ensina ao militante a obedecer as suas cúpulas e estruturas, os coletivos anarquistas ensinam aos seus militantes a solidariedade socialista e a afirmação de sua individualidade e liberdade que ele exerce dentro de sua militância. Claro que a sociedade socialista implantada por esses coletivos será diferente da implantada por partidos que se dizem dos trabalhadores.

6- A estratégia dos trabalhadores é a ação direta, não deixando a outros a tarefa de sua libertação.

7- A liberdade é a aceitação das diferenças. Onde não há autoridade existe liberdade. Daí a aceitação da libertação da mulher, de todas as formas de amor e práticas sexuais, de toda maneira de viver. Não censuram as artes nem as pessoas. Tudo que se expressa, que não oprime os outros e que vê quem quer, participa quem quer, tem o apoio dos anarquistas. Nos seus coletivos e na sociedade autogestionária as pessoas são livres para se expressarem como são. O que querem é um socialismo libertário e não uma ditadura repressiva de todos em benefício de uma elite.

Ricardo
Líper

Ricardo Líper

O que somos e o que queremos

Nossa cultura raciocina através de estereótipos. Tem uma idéia pré-formada do que é um negro, uma mulher, um índio, um comunista, um crente. Nem sempre essas imagens correspondem à realidade. A imagem do artista irresponsável e beberrão, morando em um pardiço, temperamental e excêntrico, acompanha os artistas desde a belle époque. O homossexual histérico e imitando caricaturas de mulheres fatais é uma imagem que acompanha todos acusados de homossexualismo.

Os meios de comunicação, por preguiça ou má fé, acentuam os estereótipos. E o anarquista?

Hoje, já é objeto até de um programa de televisão. Virou moda e em editoriais de jornais até figuras do governo se acham no direito de taxar de anarquistas como bem quiserem. Anarquistas podem ser os empresários desobedientes de algum cacete econômico. Pode ser punk de uma banda de esquina, e nessa terra analfabeta e de ninguém, todos aqueles que nos contrariam no momento.

As palavras por si só nada significam. São os estereótipos que as preenchem e os estereótipos nascem de pessoas concretas identificadas com palavras. Claro que quando contrariam interesses, os poderosos procuram acentuar atos e posturas ou inventá-las para criarem um estereótipo negativo daqueles que contestam o poder. Na Europa, no Japão, no Canadá, onde o índice de alfabetização e a ação anarquista é crescente, a palavra evoca de imediato o ativista político preocupado com a ampliação das liberdades humanas e identificado com um socialismo diverso do marxista e, por isso mesmo, libertador.

No Brasil, país de analfabetos e de miséria extrema, sofredor de regimes autoritários desde a sua descoberta, brutalizado por religiões repressivas, quando uma pessoa não sabe o que dizer, diz-se anarquista.

Talvez estejamos sendo injustos. Muitas pessoas hoje dizem-se anarquistas sabendo o que significa. Já começa, em nosso país, a se entender a postura anarquista.

Quando alguém é contra a Rússia, a Albânia e aos Estados Unidos suspeita-se de anarquismo.

Quando alguém é muito liberal, aceita todos os comportamentos, não se ilude fácil com partidos e políticos, pode ser considerado anarquista. Daí Elke Maravilha ter se identificado com o anarquismo. Ficamos contentes porque gostamos de seu sorriso, de sua simpatia, de sua arte. Fernanda Torres também. Achamos impossível não sentirmos firmeza na mãe e na filha. Com que alívio, numa época em que tantos se agacham e arreiam as calças para comerem as migalhas do poder, D. Fernanda Montenegro recusou o Ministério da Cultura. A dignidade ainda existe. É horrível se gostar da arte de alguém sem querer conhecer o autor... por saber que é um picareta.

O anarquista é basicamente alguém que querendo o socialismo rompeu com o marxismo aceitando a advertência bakunista de que só a supressão da autoridade do partido conduz ao socialismo. A liberdade não vê possibilidade de sua ampliação no sistema capitalista onde a diferença de classe impede qualquer real libertação.

É por isso, que os anarquistas são contra os comunistas e os burgueses e seus respectivos imperialismos, achando que só com a abolição da propriedade privada dos meios de produção e a implantação de uma sociedade autogestionária em todos os níveis, atingiremos um processo social socialista e libertário. Somos, portanto, uma sólida alternativa socialista a tudo que está aí.

O anarquista é aquele que não aceita o poder. Não aceita a autoridade de um homem sobre outro. Se recusa a presidir, a humilhar, chefear. Se lhes dão oportunidade, ele reúne em círculo e dá oportunidade a todos de se expressarem.

Tem uma profunda solidariedade com todos aqueles que são humilhados. Aceita divergências. Respeita a vontade e a ação de minorias. Vê nas diferenças, não inimigos, mas somatórios. Forças diversas que se somam no mesmo fim. Evita punir

Aceita todos com suas especificidades. Procurando exercer a solidariedade. O apoio mútuo.

O anarquista só não se dá bem com quem é autoritário. Com quem quer impedir os outros de se expressar, seja sob que pretexto for. Mesmo resguardar os "bons costumes". O anarquista não gosta de censores. Mesmo os que querem proibir a pornografia ou filmes como "Rambo" ou "Cobra". Tudo deve ser expresso. Participa quem quer.

Não gosta de políticos. Que com sua palavra maleável visam o poder e para isso não hesitam em conchavar, enganar e punir. Comumente fazem presepada e criam espetáculos para iludir os outros.

O anarquista não gosta, daqueles que se aproveitam do poder para colocar parentes em folhas de pagamento de empresas estatais. Não gosta de gente que gosta de mandar.

SEM OPRESSÃO

"Umanità Nuova" jornal anarquista italiano citado por Edgard Leuenroth no Livro "Anarquismo, Roteiro de Libertação Social" diz: "O anarquista é por definição, o cidadão que não quer ser oprimido, mas que também não quer oprimir; não quer ser explorado mas que também não quer explorar; que não quer ser iludido, mas que também não quer iludir os outros."

"Viver uma vida integralmente anárquica na sociedade presente é impossível, porque a autoridade do homem sobre o homem, a exploração do trabalho alheio e a prática de iludir a boa fé do próximo constituem as regras fundamentais da ordem social em que vivemos."

"A autoridade do estado, a exploração pelos patrões, a ação nefasta e embrutecedora do clero e da escola oficial estão sempre presentes, assediando de todos os lados e não se pode fugir aos seus tentáculos absorventes".

"Ser anarquista requer, por conseguinte, aspirar a uma forma de convivência social isenta de governantes, de exploradores e de todas as mentiras convencionais interessadas em manter o presente estado de coisas (...) Para ser e manter-se anarquista, é necessário que o indivíduo possua convicções profundas, firmeza de caráter, capacidade de resistência às perseguições dos privilegiados, dos governantes e todos aqueles que aspiram a postos de mando".

O anarquista é contra a intolerância. As pessoas que investigam os hábitos sexuais dos outros para terem a oportunidade de punir e oprimir.

O anarquista é amigo incondicional dos oprimidos.

Não interessa a ele os hábitos eróticos de ninguém. Não se interessa nem em vigiar e, muito menos, em punir. Quer que as pessoas vivam.

Se expressem, sejam felizes.

Não avalia ninguém pela cor da pele, não se horroriza com a nudez.

Não julga os outros pela marca do carro ou pelo bairro onde mora.

Para ele, a criança é um ser livre, autônomo, que deve encontrar um ambiente amigo para ajudá-la a expressar-se como é. Sem repressão.

Não espanca as crianças. Não se intimida, não exerce autoridade sobre elas. A criança é companheira. É lamentável que, levados por religiões deliberantes e autoritárias, se bata e se torture tanto as crianças.

Que para manter preconceitos morais, essa tortura, seja tão disseminada.

Um dos seres mais torturados hoje no Brasil, é a criança. Sob os mais variados pretextos, esse pequenos seres são brutalmente oprimidos, humilhados, chicoteados. Muitas se matam. Crianças chegam mortas de porrada nos prontuários e os pais assassinos dizem se tratar de acidentes. Isto tudo é feito ou porque a Bíblia precisa ser ensinada, ou para respeitar os mais velhos ou para se comportarem como qualquer idô quer. O anarquista é contra a tortura de crianças sob que pretexto for. Prefere uma criança mal educada e uma criança torturada. Nunca, anarquista nenhum, fez uma criança estender suas pequenas mãos e aplicou-lhe violentos bolos. Os padres sim, as mães burguesas ou influenciadas pela ideologia autoritária sim, os

homens de "respeito" sim, os professores sim, os juizes sim, os políticos sim...

Uma pessoa que é capaz de torturar uma criança é capaz de tudo.

Não se pode gostar dela.

O QUE QUEREMOS

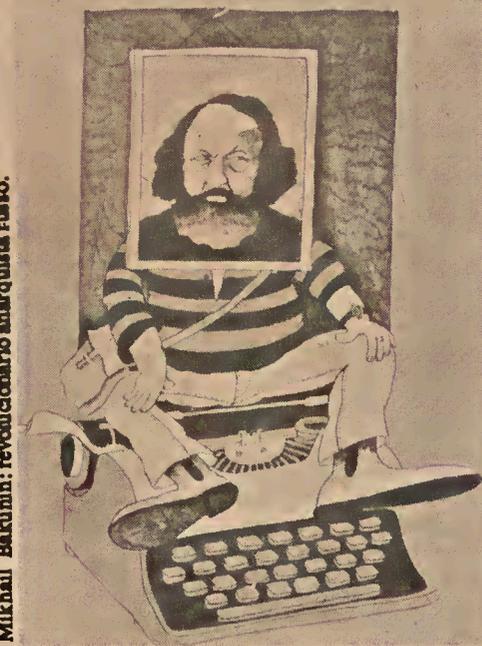
Os anarquistas querem que os trabalhadores adquiram consciência de classe. Se organizem em suas entidades, sem partidos e sem vanguardas, e, num processo autogestionário, se preparem para a mudança social. Isto é, para a socialização e a autogestão dos meios de produção.

Entretanto, esse é um trabalho que, hoje, no Brasil passa por etapas onde são levadas em conta as condições objetivas em que se encontra o nível de consciência de classe, de organização da classe operária e de organização global da sociedade brasileira.

Estamos no início de um processo de organização libertária. Diante de um proletário iludido e das mãos de pelegos e partidos traidores.

A imensa maioria dos trabalhadores tem como ideologia religiões obscurantistas que possivelmente recebem verbas de entidades estrangeiras para iludir e subverter o nosso povo.

Nosso trabalho é absolutamente pacífico e ordeiro. Não há condições hoje de nenhum aventureirismo terrorista ou agressivo. A organização da classe operária, o desenvolvimento de sua cultura própria é um processo de lenta construção, onde o respeito às liberdades democráticas e às leis constituídas é fundamental.



Mikhail Bakunin: revolucionário anarquista russo.

Não interessa aos trabalhadores ferirem as leis vigentes e nem os anarquistas incitarem, quem quer que seja, a isso. No nosso entender, a mudança social é um processo histórico global que pressupõe uma classe operária consciente e organizada em sua maioria e com condições de administrar os meios de produção devido à prática dentro de seus sindicatos autogestionários e anarquistas. Não existe isso hoje no Brasil.

Existem ações que, embora sendo desencadeadas, só terão uma resposta com o desenvolvimento da história. É o caso da mudança social.

Paralelamente, existem ações que são desenvolvidas visando à melhoria, as pequenas mudanças da sociedade aqui e agora.

Os anarquistas se constituem como entidades que são grupos de pressão que visam enfrentar o autoritarismo vigente na nossa sociedade.

Pressão para mudar leis, pressão para melhorar as condições de vida do trabalhador. O povo unido governa sem partidos porque os pressiona.

Queremos uma sociedade onde o homem seja o mais livre possível e, por isso, estamos presentes e lutamos em várias frentes com esse objetivo.

Quando o autoritarismo oprime as mulheres, os anarquistas estão pressionando a sociedade para que a mulher seja livre, igual ao homem, dona de seu corpo e de sua vida.

Quando o autoritarismo descrimina os negros, estamos com eles para a sua autodeterminação e a conquista de igualdade de direitos.

Quando discrimina homossexuais, estamos com eles pelo direito de quem quer que seja autodeterminar seus impulsos sexuais. Sem ser discriminado, humilhado e importunado.

Quando o autoritarismo censura, pressionamos para que essa prática bárbara, medieval, não nos envergonhe mais do que já envergonhou.

Quando se tortura, quando as delegacias espancam as pessoas, quando os pais batem nos filhos, nós pressionamos para que possamos um dia dizer que na nossa sociedade ninguém mais é torturado. Nem presos, nem crianças, nem mulheres, nem negros, nem homossexuais.

Lutamos aqui e agora por uma sociedade cada vez mais libertária. Cada vez mais humana. Combatendo o autoritarismo e a violência onde eles se apresentem. Por isso somos organizados e legalizados. A nossa pressão social é absolutamente legal e pacífica.

NUVEM DE FUMAÇA

Não e nunca queremos a baderna. Nem o quebra-quebra, a arruaça.

No Brasil hoje, a maioria das confusões e atentados têm sido feitos pela direita e pelos órgãos de segurança do Estado com o intuito de uma nuvem de fumaça levantada, obstruir a humanização de nossa sociedade.

Ficou extensa e intensamente provado que as arruaças em greves e manifestações públicas foram provocadas pelos chamados "agentes" de segurança do Estado. Existem fotografias e foram amplamente publicadas em revistas de larga circulação no país.

Uma revista de direita publicou, recentemente, que os militares argentinos são anarquistas porque não respeitam a hierarquia militar.

Está claro, aí, a intenção de confundir os trouxas para promover a bagunça, a desordem e jogar a culpa da intranquilidade social em grupos que, pelo contrário, só almejam o maior desenvolvimento das liberdades da dignidade do brasileiro. Por isso temos uma posição firme.

Esse jornal é formado por coletivos anarquistas legalizados, que estão em processo de organização de uma federação e não tolerarão nenhuma tentativa, de quem quer que seja, de descaracterizar suas ações.

Não temos nada a ver com policiais fantasmas de punks. Com "anarquistas" quebradores da propriedade estatal. Nossas entidades são abertas ao público e estão muito claras as nossas intenções.

Não apoiamos o governo porque não somos como os comunistas que têm por estratégia o apoio, crítico ou não, a governos ditos populares. Eles têm seus cargos, suas mordomias e participam do poder. É lá problema deles. Nosso foco de interesse é pressionar, pacífica e legalmente, a sociedade no sentido de modificá-la pela base, visando objetivos já extensamente expostos aqui.

A nossa entidade é formada por comissões e coletivos pró-Federação Anarquista. O dito acima é a nossa estratégia. Da mesma maneira que o PCB não pode ser responsabilizado pela ação de outro grupo comunista, a Federação Anarquista e este jornal, que é a sua voz, não podem ser confundidos com atos de um agitador social qualquer a mando dos governantes ou de desequilibrados e pessoas incoerentes.





Itália prende anarquista

O anarquista italiano Orazio Valastro, 24 anos, encontra-se preso em cárcere militar, na cidade de Palermo. Seu crime recusar-se a colocar uma arma nos ombros para eliminar a vida de seres humanos, ou seja, negar-se a servir ao exército de seu país. Ele desertou em dezembro de 1981 e em março de 1982 foi preso pela primeira vez e condenado a cinco meses de detenção. Cumprida a pena, Orazio não se apresentou em quartel e continuou, na Itália e fora dela, sua atividade anarquista e antimilitarista. Vivendo um período na França, foi preso e enviado de volta à Itália pela polícia "socialista" de Mitterrand. A posição firme e corajosa de Orazio vai lhe custar prisões sucessivas até que complete 45 anos, já que mantém-se decidido a não se apresentar em quartel. Os Companheiros anarquistas que quiserem enviar uma mensagem de ânimo para Orazio ou protesto de protesto para as autoridades que o mantêm detido, pode escrever para: Orazio Valastro, Cárcere Militar, Corso Pisani, 90129, Palermo, Itália; para para o "Comitê de Defesa de Orazio Valastro" (Antonio Gizzo, Via Scalo S. Lorenzo 61, scala B, int. 25, 00185—Roma) bem como para o governo italiano diretamente, ou para a embaixada da Itália

